



Henrique Modanez de Sant’Anna (2021) *A fabricação de Alexandre Magno: Habilidade política e genialidade militar nas fontes antigas (336-331 AEC)*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 194p. ISBN: 978-989-26-2099-2. €24,77

Félix Jácome Neto (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

felixjacome@letras.ufrj.br

“O nome de Alexandre marca na história do mundo o fim de um período e o início de uma nova era” (p. 3),¹ assim inicia a clássica biografia sobre Alexandre publicada em 1833 pelo jovem Johann Gustav Droysen. Esse novo tempo seria caracterizado pela disseminação do esplendor do gênio grego sobre massas inertes da Ásia que ansiavam por uma alma cultural, antecipando a unidade entre ocidente e oriente que permitiria a concepção unitária do cristianismo e da sua visão de homem cristão. Alexandre, assim, teria deliberadamente planejado a conquista militar e cultural da Ásia e a formação de uma nova visão de humanidade. Ainda que de forma menos teleológica, a apreciação positiva de Alexandre e das consequências de sua campanha por Droysen segue, ainda, sendo parcialmente reatualizada por biografias recentes.²

O livro de Henrique Modanez de Sant’Anna é crítico dessa leitura, o que o inclui numa linha historiográfica que almeja “desmistificar” Alexandre. Os grandes nomes (A. B. Bosworth e E. Badian) desta perspectiva crítica à maneira como a cultura ocidental supervaloriza Alexandre e o impacto positivo de suas

¹ J.G. Droysen (1988) *Alejandro Magno*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, p. 3. Este livro possui tradução em português pela editora Contraponto.

² Por exemplo, T.R. Martin & C.W. Blackwell (2012) *Alexandre, o Grande. Um homem e seu tempo*. São Paulo: Zahar.

conquistas não estão, infelizmente, traduzidos em português, o que confere uma relevância adicional ao volume sob discussão.³

O texto é dividido em cinco capítulos, três interlúdios e um anexo, além de um index. Os capítulos narram, a partir de uma constante comparação entre as fontes antigas, a (ou uma) história de Alexandre desde as suas primeiras batalhas como rei contra tribos da região dos Balcãs até a Batalha de Gaugamelos, na qual Alexandre logrou uma vitória decisiva contra o rei persa, Dario III. Os interlúdios discutem, de maneira breve e inteligente, alguns temas que emergem dos capítulos, nomeadamente a comparação de Alexandre com Aquiles, o papel dos mercenários na prática da guerra antiga e o oráculo de Ámon-Zeus consultado por Alexandre quando este chega ao Egito em 332 a.C.⁴ O anexo, por sua vez, é baseado em um artigo prévio do autor acerca das fontes antigas sobre o Império Parta. O assunto desta última seção, em que pese a interessante comparação entre Alexandre e o imperador romano Trajano, não dialoga com o conteúdo do restante do livro.

A introdução explica o objetivo e a abordagem do livro, além de comentar brevemente as principais fontes textuais acerca de Alexandre. O autor afirma a necessidade de comparar as fontes antigas, criticando biografias modernas, especialmente em língua inglesa, que são deficientes neste aspecto, o que resulta em narrativas que aceitam facilmente a tendência do material antigo de enaltecer Alexandre, enfatizando sua genialidade. Assim, “a fabricação de Alexandre Magno”, expressão presente no título do livro, teria sido iniciada pelos autores antigos e continuada por certas biografias modernas, ansiosas em destacar Alexandre como um líder genial que teria como missão consciente alavancar a cultura grega e europeia em território dos povos persas e asiáticos tidos como culturalmente amorfos ou inferiores.

No primeiro capítulo, temos uma narrativa que se estende das primeiras campanhas de Alexandre após assumir o reinado da Macedônia até o saque de Tebas pelo exército macedônio, o que compreende os anos de 336 e 335. A abordagem escolhida pelo autor privilegia o debate de pontos-chaves de divergência entre as narrativas das fontes mais do que um tratamento

³ A.B. Bosworth (1996) *Alexander and the East: The Tragedy of Triumph*. Oxford: Oxford University Press; E. Badian (2012) *Collected Papers on Alexander the Great*. New York: Routledge.

⁴ Todas as datas nesta resenha são a.C.

pormenorizado dos eventos. Nesta seção, por exemplo, o autor discorre acerca da diferença de tratamento do início do ataque macedônio a Tebas em nossas fontes. Arriano, que tende a eximir Alexandre de qualquer comportamento negativo, atribui a Pérdicas o início do violento assalto a Tebas, ao passo que Diodoro Sículo responsabiliza o próprio Alexandre pelo desejo de destruir esta cidade grega.

O segundo capítulo trata do início da expedição de Alexandre contra os persas, particularmente a Batalha do rio Granico, os cercos de Mileto e de Halicarnasso e o episódio do nó Górdio, perfazendo os anos de 334 e parte de 333. A discussão da Batalha de Granico oferece ao autor a oportunidade para criticar certas biografias modernas, como a escrita por Peter Green,⁵ que enaltecem exageradamente o protagonismo de Alexandre.

O terceiro capítulo, por sua vez, tem por objeto o primeiro encontro entre Alexandre e o rei persa Dario III, a Batalha de Isso em 333. Mais especificamente, o autor discute o argumento das fontes antigas e de biografias modernas em torno da suposta genialidade militar demonstrada por Alexandre em Isso. A questão não versa meramente sobre a capacidade militar do jovem rei da Macedônia, mas também inclui as generalizações que as fontes fizeram, e que alguns historiadores ainda hoje reformulam, do significado da luta em Isso como um combate entre a liberdade exemplificada por Alexandre e seus homens e a servidão dos persas e orientais: “A missão de Alexandre seria o resultado de uma sinfonia político-militar-religiosa pela liberdade helênica e, posteriormente, da Europa ocidental” (p. 52).

O quarto capítulo segue a cronologia da expedição de Alexandre pela parte ocidental do império persa ao comentar o tratamento que os autores antigos deram à estadia de Alexandre na região da Síria-Palestina e do Egito em 332 e 331. O quinto capítulo discorre sobre a decisiva Batalha de Gaugamelos em 331. Após oferecer um bom resumo, a partir de Arriano, do que ocorreu em campo de batalha, o autor explora o tratamento, pelas fontes antigas e por historiadores modernos, de um importante tema relacionado ao combate: a fuga de Dario e sua suposta covardia.

O autor poderia ter conferido maior relevo aos aspectos militares da campanha macedônia, especialmente porque um dos seus objetivos centrais

⁵ P. Green (1974) *Alexander of Macedon, 356-323 B.C. A Historical Biography*. Berkeley/Los Angeles: University of California Press.

consiste em mostrar que o gênio militar de Alexandre teria sido uma fabricação da historiografia. Ele põe em dúvida que Alexandre comandaria, com a sua cavalaria, a ala direita do exército na Batalha de Isso por conta de o terreno de batalha ser relativamente estreito (p. 92), ainda que, aparentemente, aceite que a ala direita, com Alexandre, dera o golpe decisivo contra os persas (p. 98). Teria sido de muita valia que, nessa discussão, tivesse sido incluída a topografia da batalha e as principais reconstruções da disposição do exército de Alexandre feitas pelos historiadores.

Durante o desenvolvimento do argumento do livro, aparecem problemas formais na maneira como os textos dos autores antigos são referenciados. Para um livro que justifica sua relevância com base na leitura das fontes “em seus próprios termos” (p. 54), é frustrante que o leitor não receba, em diversas ocasiões, a indicação da localização específica do extrato em discussão dentro da obra antiga. Quais são os trechos de Arriano e Quinto Cúrcio citados na p. 104, por exemplo? São estes os mencionados na p. 102? Se sim, o leitor precisa regressar duas páginas para os encontrar! Na p. 79, nota 98, de qual parte da obra de Arriano advém a passagem citada? Na p. 90, temos o mesmo problema, dessa vez em relação a Plutarco. Há mais de uma dezena de casos assim em todo o livro.

Ainda sobre a apresentação dos textos antigos, não se entende bem se as traduções em língua portuguesa dos autores antigos são de autoria do próprio autor. Igualmente, não é inequívoco o sentido de “adaptado de” que, por vezes, se insere ao lado dos extratos de texto grego (por exemplo, p. 26, nota 18). Na nota prévia do início do livro, o autor afirma que verteu “o original para o português tendo como referência opções de tradução da Loeb” (p. 11). Essa é uma forma heterodoxa de se trabalhar com fontes antigas: por que seguir opções de tradução da Loeb que foram feitas para um outro idioma?

Esse tratamento da tradução afeta, por vezes, algumas nuances do que é afirmado nos trechos citados pelo autor. Sobre a fuga de Dario na Batalha de Gaugamelos, por exemplo, Arriano (3.14.3) comenta que Dario estava há tempos assustado (τὰ δεινὰ καὶ πάλαι), portanto o pânico provocado pela chegada de Alexandre foi precedido por um relevante estado anterior de medo. A tradução oferecida na p. 146 não capta esse detalhe. Na mesma página, em relação à tradução feita para Diodoro (17.60), os persas ao redor de Dario não anunciaram o que havia ocorrido, eles apenas gritaram (τῶν δὲ περὶ τὸν Δαρεῖον

ἀναβοησάντων), de sorte que os soldados persas mais afastados tiveram que interpretar o que significaria este grito vindo de onde o Grande Rei estava.

Outra matéria de reflexão sobre a obra diz respeito ao seu público-alvo. A julgar pelo resumo de elementos básicos do mito de Aquiles (p. 50-51), o autor tem em mente um leitor pouco familiarizado com os temas gregos. No entanto, vários extratos de textos gregos são inseridos na argumentação sem a devida tradução, o que pressupõe um leitor que saiba ler o idioma.⁶

O volume termina no meio dos acontecimentos, oito anos antes da morte de Alexandre. O autor explana que pretende abordar o período restante em um estudo futuro (p. 154). A imagem criada por algumas fontes antigas acerca dos últimos anos de Alexandre, que seriam repletos de intrigas e pensamentos megalomaníacos, forma um potencial contraste ao argumento central do livro. Assim, abordar este material a partir do mesmo eixo de discussão será um ótimo complemento ao presente estudo.

Toda história moderna acerca de Alexandre supõe um trabalho crítico em relação às fontes antigas,⁷ dado que estas são tardias (a obra mais próxima dos acontecimentos é a de Diodoro Sículo, três séculos após Alexandre) e bem parciais (os autores antigos tinham seus próprios propósitos, métodos e pressupostos quando discorriam sobre o jovem rei da Macedônia). O livro possui o grande mérito de proceder a esse exame das fontes sem, todavia, conduzir o leitor a um labirinto interminável de divergências existentes sobre vários episódios da história de Alexandre. O autor tem uma louvável perspicácia em saber até que ponto deve aprofundar as polêmicas entre os autores antigos a fim de não perder o foco da narrativa histórica mais ampla da expedição de Alexandre ao território persa.

A obra de Henrique Modanez de Sant'Anna traz, assim, uma reflexão bem-vinda que refresca as velhas narrativas sobre Alexandre, sendo uma leitura recomendada tanto para quem se interessa pela vida de um dos personagens mais influentes da Antiguidade como para aqueles que buscam uma reflexão

⁶ Alguns exemplos de termos gregos não traduzidos podem ser lidos nas páginas: 28, 29, 33, 40, 49, 59, 63, 89, 90, 94, 99, 105, 113, nota 152. Termos latinos também são, por vezes, deixados enquanto tais ao leitor, como na p. 143.

⁷ Como já afirmava P. Goukowsky (1975) *Le monde grec et l'orient*. Tome II (Le IV siècle et l'époque hellénistique). Paris: Presses Universitaires de France, p. 247-333.

metodológica sobre como reconstruir o passado quando nossas fontes são tardias.

O texto está bem revisado e com poucos erros tipográficos. Note “adptada” (p. 122, nota 160), “πλείονα τιμήν” (p. 28 e 29, a grafia deve ser “πλείονα τιμήν”), “Ω παι δίος” (p. 113, o correto é “Ω παῖ δίος”).

Data de publicação: 07/04/2023